

Projeto O Maravilhoso Mundo das Fábulas

Project “The Wonderful World of Fables”

João Victor Jesus Nogueira¹; Maria Elisa de Araújo Grossi².

Resumo

Este artigo versa sobre o Projeto “O Maravilhoso Mundo das Fábulas”, realizado no Grupo de Trabalho Diferenciado (GTD),³ junto a crianças de seis anos, pertencentes ao primeiro ano do primeiro ciclo de formação humana, no Ensino Fundamental do Centro Pedagógico da UFMG. O GTD tinha o objetivo de colaborar no processo de letramento das crianças e construir com tais alunos noções iniciais sobre a multiplicidade de versões de uma mesma narrativa. Ambicionou-se, com esses objetivos, criar condições para que os alunos, futuramente, pudessem perceber a relação entre as diferentes versões de uma mesma história na literatura e as distintas formas de escrita da disciplina História. Esse interesse partiu do fato de o residente ser aluno de graduação em História da UFMG e, percebendo o frequente contato dos alunos com diferentes tipos de narrativas, abriu-se a possibilidade de explorar essa questão, tão cara à disciplina História. Assim, o Projeto “O Maravilhoso Mundo das Fábulas” buscou fomentar as habilidades de compreensão de textos e de construção de sentidos, bem como preparar os alunos para perceberem a História e sua própria história de uma maneira não unívoca.

Abstract

This article discusses about the Project “The Wonderful World of Fables”, an activity that was developed within the Group of Differentiated Studies⁴ (GDS) altogether with six-year old children belonging to the first year of elementary school at Centro Pedagógico da UFMG. The GDS had the objective of collaborating with the literacy process of children, as well as constructing initial notions about the multiplicity of versions that can arise from a narrative. Bearing this in mind, the project aimed at creating the conditions for the student to further notice the relations between the different versions of the same story in literature, and the different interpretations of the subject History. Such interest arose from the fact that the monitor is a History undergraduate student at UFMG who realized the possibility of exploring this issue with the children after having noticed the frequent contact they had with several

¹ Estudante de História da UFMG, monitor residente do 1º Ciclo de Formação do Centro Pedagógico da UFMG.

² Professora de Língua Portuguesa do 1º Ciclo de Formação Humana, orientadora.

³ Grupo de Trabalho Diferenciado, ou GTD, faz parte do Programa de Imersão à Docência do Centro Pedagógico da UFMG e constitui uma oportunidade para o bolsista (residente) do Projeto de Imersão à Docência orientar propostas de ampliação curricular para um grupo reduzido de alunos da escola sobre um tema escolhido pelo monitor e orientador.

⁴ The Group of Differentiated Studies, or GDS, is part of the Program of Teaching Immersion at *Centro Pedagógico da UFMG* and opens an opportunity for an undergraduate student (monitor) to conduct activities that goes beyond the school *curriculum* with a small group of students based on a theme chosen by himself under the guidance of his instructor.

different kinds of narratives, an approach typical of the discipline History. In this sense, the Project “The Wonderful World of Fables” tried to foment the ability of text comprehension and construction of meanings and to prepare the students to realize that not only History, but also their particular life stories are open to various interpretations.

Palavras-chave: Narrativas. Versões. Construção da história.

Keywords: Narratives. Versions. Construction of history.

Introdução

As sociedades humanas, desde os tempos antigos, costumam contar histórias. Ainda que os modos de contá-las possam variar em diferentes sociedades e épocas, o que é fundamental permanece: narrar uma sucessão de acontecimentos reais e/ou inventados. É bem claro que “a narrativa não é necessariamente linear” (PROST, 1996, p. 214), contudo ela “presta-se à explicação das mudanças” (PROST 1996, p. 215), o que acaba “implicando em uma busca de causas e intenções” (PROST, 1996, p. 215). É bem verdade que essa busca de explicações para mudanças e, conseqüentemente, causas e intenções faladas por Prost estão relacionadas à narrativa na História enquanto disciplina. Entretanto, não raramente, são presentes também nas narrativas da literatura em geral e são marca latente da presença de um narrador que tece um enredo coerente, capaz de responder aos questionamentos que as histórias contadas suscitam na mente dos ouvintes (ou leitores). Em certa medida, o historiador também tenta fazer isso para os seus pares. Além disso, não é só a narrativa histórica que não é necessariamente linear, pois o jeito como contamos histórias pode variar de acordo com as necessidades de nossos enredos, juntamente com o ímpeto criativo da imaginação humana.

Assim, qualquer que seja a narrativa, há sempre um modo de construí-la e alguém que a conte, de uma determinada maneira, organizando os fatos numa certa ordem. Na literatura, ao desenvolver uma narrativa, o autor dá voz a um narrador. Ele cria um mundo e o narrador o apresenta ao leitor. Segundo Eco (1994, p. 9), ao construir um mundo que inclui uma multiplicidade de acontecimentos e de personagens, a narrativa não pode dizer tudo sobre esse mundo. Por isso, o autor precisa fazer escolhas.

Sabe-se da importância das histórias na formação integral das crianças. Machado (2002, p. 13) destaca que a infância é uma fase extremamente lúdica da vida e que, nesse

momento da existência humana, “a gente faz a festa é com uma boa história bem contada”. Nessa perspectiva, tendo em vista a faixa etária dos alunos da turma do primeiro ano (seis anos), suas características e seus gostos como leitores, o uso de histórias de teor maravilhoso tornou-se uma grande alternativa para alcançar os objetivos propostos pelo projeto: refletir sobre as narrativas e suas características, assim como sobre a possibilidade da produção de muitas versões de uma mesma história. A leitura de narrativas contribuiria também para o trabalho de compreensão dos sentidos de textos que se queria realizar com as crianças.

Com base nessas considerações, optou-se pela utilização da fábula, gênero textual curto, que traz histórias de animais personificados e que apresenta uma estrutura simples. Na fábula, o final é marcado por uma lição de moral explícita, que poderia ser problematizada e discutida com os alunos. Outra razão que nos levou a optar por esse gênero textual foi o fato de que a fábula possui versões diferentes contadas por autores que viveram em diferentes períodos históricos. Assim, essa narrativa tornou viável à obtenção dos objetivos propostos para o GTD.

1. Desenvolvimento

Após a definição do gênero textual a ser trabalhado com os alunos por meio do Grupo de Trabalho Diferenciado (GTD), o monitor residente e a professora da turma buscaram planejar⁵ e desenvolver atividades que, dentro do Projeto *O Maravilhoso Mundo das Fábulas*, pudessem contribuir para o letramento dos alunos da turma do primeiro ano no sentido de aguçar as habilidades de compreensão de texto, construção de sentidos, bem como despertar o aluno para a percepção, ainda que inicial, da diversidade de possibilidades na narração das histórias.

As narrativas orais são tão antigas quanto a humanidade e integram o folclore de todos os povos. Como as crianças já crescem ouvindo histórias, sua transmissão se faz de uma geração a outra naturalmente, carregando valores, crenças, costumes, comportamentos, sonhos e tudo o mais. É claro que quem conta um conto sempre aumenta um ponto. Isso significa que tal transmissão nem sempre é a repetição. Ela traz em seu bojo recriações voluntárias ou involuntárias, que fazem de cada versão uma história. É assim que as histórias tradicionais podem integrar-se a novos e diferentes espaços sociais e simbólicos (PAIVA, PAULINO, PASSOS, 2006, p. 42).

⁵ Os encontros de orientação e planejamento eram realizados semanalmente, às segundas-feiras.

O trabalho desenvolvido no GTD consistiu na escuta compartilhada e leitura conjunta de fábulas criadas por Esopo⁶ e outros autores, a saber, La Fontaine⁷ e José Paulo Paes⁸, seguidas de discussões sobre os sentidos desses textos. Com a mediação do monitor, os alunos eram incentivados a expressar o que entenderam dos textos. Eram convidados também a ilustrar cada fábula lida. Dessa maneira, buscou-se aperfeiçoar o que seria uma construção conjunta de sentidos para as narrativas ouvidas e lidas, possibilitando-se, destarte, estimular a fala das crianças e a habilidade de compreensão de textos. Assim, foi possível para os alunos também construírem, eles próprios, narrativas expressas em sua compreensão das discussões e materializadas em seus desenhos, que nada mais são do que uma das linguagens pelas quais eles se comunicam com o mundo e, concomitantemente, vão sendo formados.

é na linguagem, e por meio dela, que construímos a leitura da vida e da nossa própria história. Com a linguagem somos capazes de imprimir sentidos que, por serem provisórios, refletem a essencial transitoriedade da própria vida e da nossa existência histórica. (SOUZA, 1994, p. 21).

O caráter maravilhoso das fábulas atraiu a atenção e o interesse das crianças. Essas narrativas trazem animais que falam e agem como seres humanos, característica que atrai o pequeno leitor. Além do conteúdo fantástico, as fábulas possuem um sentido moralizante que permite ao educador provocar uma boa discussão em sala de aula. Em razão disso, nos momentos de construção coletiva de significados, procurou-se, por meio da mediação professor-aluno (residente-aluno), estabelecer um diálogo entre as percepções morais dos alunos entre si, pautando essa comunicação com base no fornecimento de ferramentas para a elaboração de uma discussão crítica das situações vivenciadas e protagonizadas pelos personagens.

Atendo-nos à execução do projeto, este consubstanciou-se, como já apontado, para além da leitura conjunta das fábulas. Os alunos produziram também ilustrações que buscaram expressar os significados por eles construídos para as narrativas. Dessa forma, ao término do projeto, foi possível recolher todas as ilustrações e criar um livro individual, contendo os textos das fábulas xerocados e as ilustrações criadas pelas crianças. Esse álbum ilustrado registrou as fábulas trabalhadas ao longo de todo o GTD e deu visibilidade ao trabalho realizado.

⁶ Fabulista grego que teria nascido no final do [século VII a.C.](#) ou no início do [século VI a.C.](#)

⁷ Poeta e fabulista francês, considerado o pai da fábula moderna. Nasceu em 1621 e faleceu em 1695.

⁸ Poeta, tradutor, crítico literário e ensaísta brasileiro. Morreu em 1998.

Ancorados na noção da disciplina História de que não há uma versão única da história, mas diferentes versões possíveis de serem narradas, procuramos, mesmo que seja de uma forma inicial, proporcionar às crianças um vislumbre dessa percepção usando a literatura como ferramenta. Assim, o confronto entre as versões de Esopo, La Fontaine e José Paulo Paes para a famosa fábula “A cigarra e a formiga” foi uma profícua oportunidade para se dar a entender a possibilidade de se narrar diferentemente um mesmo fato. Nesse sentido, White (2001, p. 101) diz da forma de registro do historiador que:

Isto sugere que aquilo que o historiador traz à sua consideração do registro histórico é uma noção de *tipos* de configuração dos eventos que podem ser reconhecidos como estórias pelo público para o qual ele está escrevendo (WHITE, 2001, p. 101, grifo do autor).

Disso, deduz-se que há diferentes tipos de configurações de eventos passados, que muitas vezes são os mesmos, mas que todas elas podem ser concatenadas por diferentes linhas argumentativas que, por sua vez, podem resultar em diferentes narrativas. Dessa forma, além das distintas narrativas, haveria de se considerar as diferentes apropriações dessas narrativas, haja vista o que White (2001) levanta quando nos fala como o público para o qual o historiador escreve pode reconhecer como estórias as diferentes configurações dos eventos construídos pelo historiador.

Tendo isso em vista, encontramos um bom arcabouço teórico que possibilitou pensar não somente na utilização de versões diferentes de uma mesma história para a construção da percepção de diferentes possibilidades narrativas, como também o momento adequado para, por meio da mediação, utilizar das diferentes apropriações das histórias como parte importante da construção da identidade dos alunos, no tocante ao posicionamento crítico frente ao que lhes era apresentado, o que entendemos ser de fundamental importância para a construção de sua autonomia.

Assim, pensando nas narrativas históricas como a ação de “descrever um percurso no tempo” (PROST, 1996), os alunos puderam ter contato com elementos da narrativa que acabaram por marcar certa temporalidade e, a partir disso, possibilitaram que eles percebessem o percurso no tempo que eles mesmos trilham em suas histórias. Desse modo, a história se torna viva, a descrição desse percurso não é apenas um enredo, mas uma trama na qual eles mesmos são os protagonistas e cujos acontecimentos vividos e interpretados pela memória são resultado e contingências das suas próprias maneiras de agir no mundo.

Considerações Finais

O desenvolvimento do Projeto *O Maravilhoso Mundo das Fábulas* possibilitou perceber que a relação da criança com o maravilhoso não é apenas íntima. Ela é real, ou, em outros termos, é a lente pela qual a criança mede a realidade. Dessa forma, a utilização de fábulas em sala de aula proporcionou uma vivência estudantil dessa dimensão da vida dos alunos que tornou factível que eles desenvolvessem as habilidades as quais propomos que eles desenvolvessem.

No tocante à construção da percepção de multiplicidade das possibilidades de se contar histórias, apresentamos diferentes versões de uma mesma fábula, feitas por distintos autores e evidenciamos, conjuntamente, a existência de sentidos distintos para uma mesma história. Desse modo, os alunos puderam ter contato com perspectivas distintas, o que entendemos ser crucial para a desconstrução de uma visão unívoca de mundo.

Essa utilização das narrativas para dar suporte às reflexões apontadas neste artigo e realizadas em sala de aula permite que, futuramente, as crianças possam ter condições de operacionalizar raciocínio semelhante para a História, ancoradas em uma visão plural e consciente de sua própria temporalidade.

Referências

- ECO, U. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- MACHADO, A. M. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- PAIVA, A.; P., G. PASSOS, M. **Literatura e leitura literária na formação escolar**: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale, 2006.
- SOUZA, S. J. **Infância e linguagem**: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin. Campinas: Papirus, 1994.
- WHITE, H. O texto histórico como artefato literário. In: **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 97-116.
- PROST, A. **Doze lições sobre a história**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.